

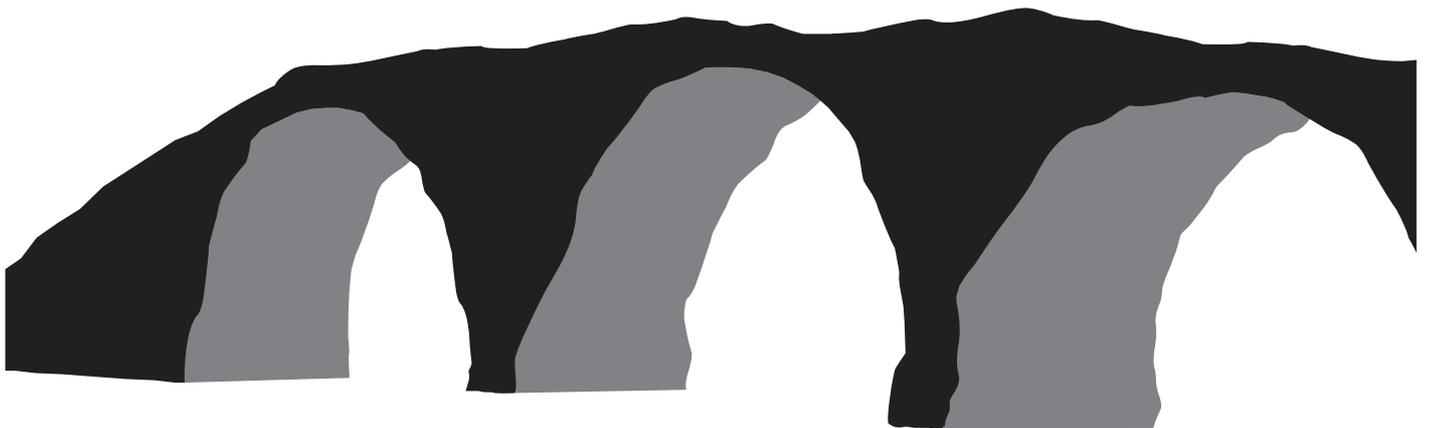
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 1 | Número 1 | Janeiro – Junho 2007

ISSN 1981-5875

## RECONHECIMENTO DE PADRÕES NA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Stanley South





# RECONHECIMENTO DE PADRÕES NA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA<sup>1</sup>

Stanley South\*

---

## RESUMO

O processo de identificação de padrões (pattern recognition) através de dados de sítios históricos é explanado empregando informações do sistema colonial britânico. O “Padrão Brunswick” monitora o comportamento de descarte de restos do século XVIII. O “Padrão Carolina” monitora a relação de artefatos em ocupações domésticas. O “Padrão Frontier” é encontrado em sítios de fronteira assim como em áreas internas de ruínas domésticas, e é caracterizado pela predominância de restos associados à arquitetura sobre os do grupo cozinha. A fórmula de reconhecimento de padrões demonstrada pela denominada “Fórmula de Datação de Cerâmica” (Mean Ceramic Date Formula) é um recurso baseado no reconhecimento de padrões altamente regulares de variação na popularidade da cerâmica através do tempo. Tal reconhecimento de padrão é fundamental em sítios históricos, para ajudar na explanação dos processos culturais. A Arqueologia Histórica tem potenciais, até o momento não explorados, para contribuir no aperfeiçoamento dos métodos de estudo e construção de teoria na arqueologia. Esta é uma promessa excitante que a arqueologia histórica guarda para o futuro.

## RESUMEN

El proceso de identificación de patrones de reconocimiento a través de datos de sitios históricos es ilustrado con informaciones provenientes del sistema colonial británico. El Padrón Brunswick, monitora el comportamiento de descarte de restos del siglo XVIII. El Padrón Carolina monitora la relación de artefactos en ocupaciones domesticas. El Padrón Frontera, es encontrado en sitios de frontera así como en áreas internas de ruinas domesticas y se caracteriza por la predominancia de restos asociados de a arquitectura por en cima de los del grupo cocina. La formula de reconocimiento de patrones demostrada por la denominada “Formula de Datación de Cerámica”, es un recurso que se basa en el reconocimiento de patrones altamente regulares de variación en la popularidad de la cerámica a través del tiempo. Tal reconocimiento de patrones es fundamental en sitios históricos, para ayudar a explicar los procesos culturales. La Arqueología Histórica tiene un potencial, hasta el momento no explotado, pero que puede a perfeccionar los métodos de estudio de teoría arqueológica. Esta es una promesa excitante que la arqueología histórica aguarda para el futuro.

---

<sup>1</sup> Publicado pela primeira vez em *American Antiquity*, Vol.43:2:223-230, 1978. (artigo reproduzido com autorização do autor). Traduzido por Márcia Norie Seo.

\* Institute of Archaeology and Anthropology, University of South Carolina. souths@gwm.sc.edu

## ABSTRACT

The process of pattern recognition using data from historic sites is illustrated with data from the British colonial system. The Brunswick Pattern of Refuse Disposal monitors eighteenth century refuse disposal behavior patterns. The Carolina Pattern monitors artifact relationships from domestic occupation. The Frontier Pattern is seen on frontier sites as well as the area inside domestic ruins, and is characterized by a high architecture to kitchen artifact relationship. The formula concept of pattern recognition demonstrated by the Mean Ceramic Date Formula is a tool based on the recognition of highly regular patterns of variation in the popularity of ceramics through time. Such pattern recognition is foundational for historic site data to contribute to the explanation of culture processes. Historical archaeology has an as yet unrealized potential for contributing to method-refinement and theory building in archaeology generally. This is the exciting promise historical archaeology holds for the future.

---

Tradicionalmente, a Arqueologia Histórica na América tem sido orientada para objetivos específicos focados em completar informações de documentos históricos, localizando estruturas arquitetônicas, recuperando e descrevendo artefatos associados a estruturas, e correlacionando dados arqueológicos com históricos. A maioria destes trabalhos pode ser chamado de “estudos de patrimônio”, e são geralmente patrocinados por agências do governo que partem de crenças *a priori* sobre o passado. Sob essa forma tradicional de pesquisa, a arqueologia histórica veio a ter uma imagem particularista.

Apesar do fato de que dados de sítios históricos podem contribuir para o estudo de sistemas culturais de elevado nível de produção e gasto de energia, poucos arqueólogos se preocuparam com a busca de padrões intra e intersítios, para explorar a funcionalidade do sítio, sua cronologia, estrutura, assim como status, rotas de comércio, etnicidade, padrões de assentamento, fronteiras, e variáveis ambientais. Uma vez que os padrões que se repetem são identificados, as variações associadas no registro arqueológico podem ser entendidas com referência a sua regularidade básica. Esta estratégia pode ser realizada como parte integral do programa de pesquisa cujo patrocinador esteja principalmente preocupado com metas patrimoniais, desde que o arqueólogo mantenha como responsabilidade primária a fidelidade à base de dados com a qual ele está testando suas idéias sobre o passado.

Para usar tal aproximação, o arqueólogo deve fazer uso de análises quantitativas. Assim, esta comparação pode ser feita entre séries de dados em adição àqueles baseados na presença ou na ausência. Esta estratégia de quantificação pode ser aplicada em séries de dados de documentação histórica e etnográfica para produzir padrões gerais de sistemas, mais que perspectivas preconceituosas dadas por orientações mais particularistas.

Alguns historiadores enfatizaram o fracasso de arqueólogos históricos ao efetuar uma comunicação entre uma arqueologia particularista e uma história generalista. Arqueólogos históricos que vão além de seus sítios particulares podem começar a delinear regularidade e variabilidade de sistemas culturais na forma de relações padronizadas em sítios com associações temporais e culturais similares. Documentação histórica é mais freqüentemente usada para gerar algum controle sobre função, status, etnicidade, tempo, etc., em oposição a padrões arqueológicos que podem ser inferidos da relação entre passado comportamental e registros arqueológicos. Para poder identificar comportamentos e processos no registro arqueológico, o arqueólogo deve preocupar-se com o reconhecimento de padrões usando todos os dados a sua disposição.

Com o delineamento de padrão arqueológico que diz para o arqueólogo “isto era uma taverna,” “isto era uma habitação doméstica,” “isto era moradia de escravos,” “isto era uma mansão do Senhor da fazenda”, a dependência da documentação histórica pode ser substituída pela confiança no registro arqueológico. O arqueólogo que depende exclusivamente da documentação para interpretar o sítio escavado deve sempre temer que um novo documento seja descoberto para refutar a interpretação, já que sua leitura foi ancorada em um documento particular. Uma vez que processos funcionais e comportamentais tenham sido delineados na forma de padrões arqueológicos, o arqueólogo estará em posição de questionar a documentação histórica particularista. Por exemplo, uma vez que o padrão de tavernas do século XVIII é conhecido pelos artefatos associados a suas atividades específicas dentro do sistema colonial britânico, a documentação do sítio que prova sua funcionalidade terá menos importância, já que o registro arqueológico demonstra esse fato. Com tal controle, através da cultura material, o arqueólogo poderá contar mais com registro arqueológico primário e menos com fontes históricas secundárias.

À medida que as variáveis são isoladas, o arqueólogo poderá conhecer o padrão como sendo um reflexo de uma regra que prevê o comportamento do passado humano. Postulados podem ser testados à medida que novos sítios são examinados, e assim os padrões podem ser verificados, e hipóteses sobre o sistema cultural validadas. Em alguns casos, os dados empíricos podem ser contrários a expectativas e, nesses casos, tanto o registro histórico como o arqueológico, ou outros dados devem ser reexaminados de maneira isolada das outras variáveis. Este processo de manipulação de dados, esta livre exploração de regularidades e variações no registro arqueológico, é uma parte central dos “padrões de reconhecimento” dirigidos a entender a dinâmica dos sistemas culturais do passado.

O processo de reconhecimento de padrão a partir de dados de sítios históricos será exemplificado, neste artigo, empregando freqüências de distribuição de artefatos e relações quantitativas de tipos de artefatos, classes e grupos. Vários padrões têm sido delineados pelo uso de dados do sistema colonial britânico. Quatro destes serão

resumidos aqui (de South 1977a): o Padrão Brunswick, de descarte de restos; o Padrão Carolina, de relação de artefatos; o de arquitetura de grandes dimensões, que denominei Padrão de Fronteira; e a Fórmula de Datação de Cerâmica.

O Padrão Brunswick resulta de uma prática em sítios coloniais britânicos de descarte de restos nas entradas das casas, lojas e fortes. É um fenômeno de dispersão e densidade de restos identificado simplesmente por medição da quantidade relativa de restos secundários ao redor da estrutura.

O Padrão Carolina de relação de artefatos é inferido a partir da frequência relativa de grupos de artefatos recuperados em contextos secundários ao redor da estrutura, que se caracterizam pela elevada porcentagem de artefatos do Grupo Cozinha em relação aos artefatos do Grupo Arquitetura.

O Padrão de Fronteira, ou padrão de arquitetura, tem uma alta densidade de artefatos de Arquitetura em relação ao Grupo Cozinha. Este padrão tem sido encontrado em sítios de fronteiras militares e de postos de comércio no século XVIII, mas também caracteriza a relação de grupos de artefatos encontrados dentro de ruínas domésticas que não estão localizadas em fronteiras. Estruturas não domésticas também revelam esta elevada presença de objetos associados à Arquitetura em relação aos Artefatos de Cozinha.

A Fórmula de Datação de Cerâmica é um recurso baseado no reconhecimento de padrões altamente regulares de variação na popularidade da cerâmica através do tempo. Este recurso monitora a cronologia de sítios através da cerâmica.

O Padrão Brunswick monitora o comportamento de dispersão de restos via distribuição de todas as classes de artefatos e grupos, enquanto os Padrões Carolina e Fronteira avaliam a função via a relação freqüente entre grupos de artefatos. O Padrão de Artefato de Cozinha monitora funções específicas através da variação dos padrões baseados em relações de classes de artefatos dentro do grupo cozinha, mas este padrão não é tratado neste artigo (South 1977a).

#### FÓRMULA DE RECONHECIMENTO DE PADRÃO

Padrões de artefatos, que refletem um período de ocupação no qual foi acumulada a mostra arqueológica, são examinados por meio de fórmulas de reconhecimento de padrões. Este conceito é focado em determinar a data de produção dos artefatos para obter uma interpretação sobre a possível datação do sítio. Artefatos como cerâmica, garrafas de vinho e outros tipos e classes de objetos para os quais o período de manufatura é conhecido, podem ser usados para a aplicação da fórmula.

A suposição na qual a fórmula está baseada é que fragmentos de artefatos podem ser usados para determinar uma comparação arqueológica de permanência de resíduos materiais da cultura. Uma segunda suposição é que os artefatos que sobrevivem no registro arqueológico refletem seu uso através do tempo como uma curva

unimodal; no princípio, com um crescimento no uso até um pico, e um decréscimo até a desapareção. A fim de ilustrar a fórmula, vamos utilizar tipos cerâmicos britânicos, classes freqüentes de artefatos recuperados em sítios históricos americanos.

A data principal de manufatura para o grupo de tipos de cerâmica britânica de sítios históricos do século XVIII, tendo em consideração a freqüência de tipos de fragmentos, pode ser determinada pela fórmula data-freqüência da cerâmica a seguir:

$$Y = \frac{\sum_{i=1}^n X_i \cdot f_i}{\sum_{i=1}^n f_i} - 1.1$$

Onde  $X_i$  = data média de manufatura para cada tipo de cerâmica  
 $f_i$  = freqüência de cada tipo de cerâmica (fragmentos)  
 $n$  = número de tipos de cerâmica da coleção

A data média de manufatura de cada tipo de cerâmica em amostra é determinada por documentos (Noel Hume 1970, e comunicação pessoal). Esta informação tem sido compilada numa lista de 78 tipos de cerâmica. Para fazer uso da fórmula, o arqueólogo coloca a contagem de cacos de cada tipo em uma coluna junto à data média, e estes são multiplicados, produzindo a terceira coluna, que é o produto de datas que determina o tempo de freqüência de ocorrência. A soma da coluna de freqüência é dividida pela soma da coluna de produto, produzindo a data média da amostra de cerâmica. Embora se possa assumir que a freqüência de datas de manufatura não tenha nada a ver com a data de ocupação em um sítio histórico, foi constatado um extraordinário grau de similaridade entre a datas da cerâmica – derivadas da aplicação da fórmula – e as datas de ocupação dos sítios históricos do século XVIII, nas quais foram utilizadas.

A aplicação da fórmula para cerâmica é ilustrada com dados dos restos do “Hepburn-Reonalds” (S7) na cidade de Brunswick, Carolina do Norte. Este sítio foi um porão de pedras localizado no lote 71, em Brunswick, e foi escavado em 1959. Os registros revelam que a estrutura era provavelmente de 1734, e foi incendiada em 1776, com uma data histórica média de 1755. A coleção de fragmentos de cerâmica de todo o sítio foi usada como amostra.

Foram escavados 1.960 fragmentos de cerâmica, a partir dos quais se identificaram 13 tipos de cerâmica, com datas médias de manufatura conhecidas. Quando o número de fragmentos de cada tipo foi multiplicado por sua data média de manufatura e seus resultados somados, chegou-se ao número 3.446.567. Dividido pelo total de números de cacos, 1.960, permitiu gerar uma data média de manufatura da

cerâmica de 1758,4, que apenas difere 3,4 anos da datação média histórica que existe para o sítio, 1755.

Desde sua primeira introdução, em 1972 (South 1972a), a Fórmula de Datação de Cerâmica tem demonstrado sua eficácia determinando ocupações médias de sítios, assim como a grande redundância dos padrões na qual é baseada. Por exemplo, em 16 sítios de Carolina, Virginia, Tennessee, Michigan e Newfoundland as datas geradas pela fórmula apenas tiveram uma diferença média em relação às datas de ocupação histórica desses sítios, de apenas 1,025 anos (South 1977a:236). Desta maneira, a fórmula aparece como recurso válido para auxiliar o arqueólogo a deduzir o período de ocupação, derivado das amostras arqueológicas em sítios arqueológicos britânicos.

No uso da fórmula, foi descoberto que diversos sítios britânico-americanos do século XVIII – que podem ser desde restos de portos até mansões em cidades, ou fortes na fronteira, ou povos indígenas –, compartilhavam tipos de grupos cerâmicos próprios da época. Isto tem sido interpretado em termos do conceito, de horizonte arqueológico, proposto por Gordon R. Willey e Philip Phillips (1958). É importante considerar o tempo necessário para a difusão do material cultural representado no horizonte. Portanto, existe uma contemporaneidade envolvida nos grupos de tipos de cerâmica desde seu local de manufatura, sendo distribuída através do império britânico.

Ao demonstrar a regularidade do padrão e expressá-la como uma generalização empírica empregando o conceito de “horizonte arqueológico”, ainda continuamos sem ter explicado o fenômeno em termos de processo cultural. Porém, isto pode ser resolvido produzindo hipóteses que relacionem o conceito de “horizonte arqueológico” com a ideia de processo de trabalho no sistema cultural britânico colonial, postulando os mecanismos aos quais estão conexos, e apresentando argumentos de relevância dentro do desenho da pesquisa direcionados a coletar novos dados.

Hipóteses para elucidar o fenômeno do horizonte arqueológico descrito pela Fórmula de Datação de Cerâmica podem ser geradas a partir de uma série de variáveis específicas que acabam fornecendo poder explicativo. Estas podem ir desde os sistemas de distribuição empregados pelos impérios coloniais até práticas de descarte doméstico. Documentação histórica e inferências arqueológicas nos permitem controlar as seguintes variáveis que, por sua vez, deveriam fornecer algum tipo de explanação para a aplicação com sucesso da fórmula: a distribuição de mercadorias da metrópole para as colônias e o subsequente mecanismo de distribuição das mesmas na colônia; a aquisição, preparação e consumo da comida; a limpeza, exibição, e armazenamento da cerâmica; e os modos de descarte de cerâmicas quebradas e outros restos.

Se estas variáveis são arqueologicamente monitoradas, podemos supor que um alto padrão regular de relações podem existir entre tipos cerâmicos de lixeiras do-

mésticas dos vários períodos de ocupação. Interrupções na regularidade podem ocorrer com variações em qualquer das principais variáveis causais há pouco mencionadas, tendo um efeito nas relações das cerâmicas no registro arqueológico, como uma ocupação não doméstica, mudanças no sistema de distribuição, etc.

Se as variáveis acima mencionadas são altamente regulares, e se sabemos o período da manufatura dos vários tipos de cerâmica envolvidos, então não deve nos surpreender que a fórmula desenhada para monitorar a regularidade entre tipos de cerâmica proveniente de depósitos de descarte domésticos dentro de um sistema cultural seja um recurso válido de datação. Afortunadamente, investigações futuras direcionadas a testar estas e outras hipóteses explanatórias irão elucidar os processos culturais específicos que produzem essa regularidade.

#### PADRÃO BRUNSWICK DE DESCARTE DE RESTOS

Por mais de uma década, os padrões de descarte de materiais observados no sítio da cidade de Brunswick, Carolina do Norte, têm sido usados como guia para prever a localização de depósitos em outros sítios coloniais britânicos do século XVIII. As escavações do sítio histórico do povoado de Brunswick foram realizadas de 1958 a 1968, através do Departamento de Arquivos e História da Carolina do Norte. Esse trabalho revelou que ocupantes destas estruturas, de aproximadamente 1725 até aproximadamente 1776, descartaram seus restos adjacente a suas casas, principalmente do lado da porta traseira, mas também perto da entrada frontal. O descarte ainda acontecia em depressões do terreno, assim como em ruas públicas. Este padrão de descarte era tão recorrente que as áreas de ingresso das moradias podiam ser facilmente identificadas pelas pilhas de lixo na entrada, mesmo que nenhum dado arquitetural estivesse presente. Esta prática de descarte de materiais secundários, adjacentes às moradias, é a base para o que eu chamo de Padrão Brunswick de Descarte de Restos (South 1977a), que pode ser sintetizada da seguinte maneira: em sítios britânico-americanos do século XVIII, depósitos com concentrações de materiais descartados serão encontrados em pontos de entrada e saída de moradias, lojas e fortificações militares.

O Padrão Brunswick de Descarte de Restos é encontrado especificamente na distribuição de fragmentos cerâmicos ao redor dos restos da denominada *Public House-Tailor Shop* (Fig. 1). A concentração de fragmentos cerâmicos em duas áreas traseiras da estrutura revela que a localização das entradas, assim como a principal área de descarte, acontecia no setor traseiro da construção. Esse amontoamento de lixo resulta de que os ocupantes jogavam restos pela porta traseira, na parte de trás das construções. O contraste entre o volume de materiais descartados ao redor da entrada frontal e na parte traseira (muito maior na segunda) é uma das características do Padrão Brunswick.

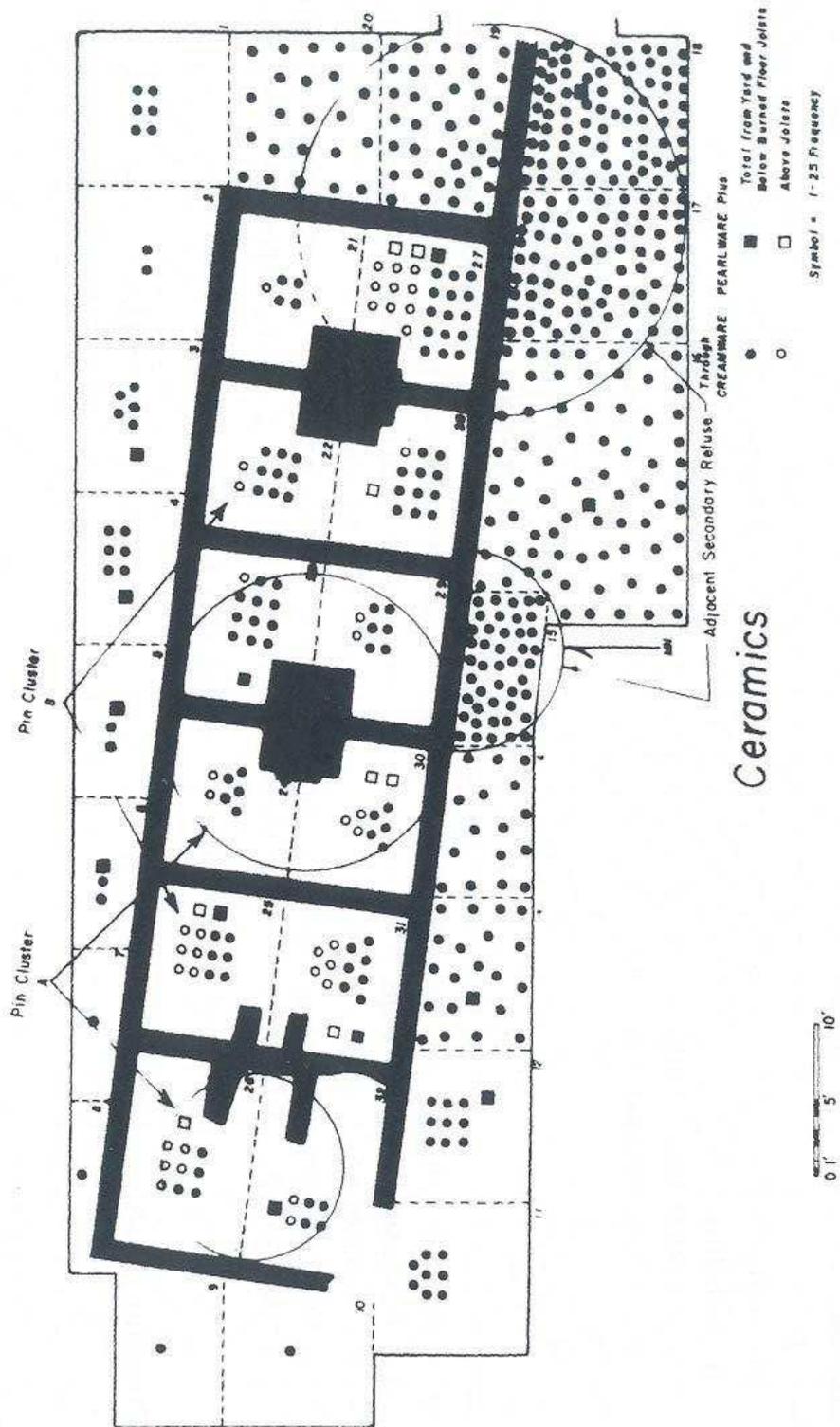


Fig. 1: Planta da Public House-Tailor Shop (S25) no Povo do Brunswick, Carolina do Norte. Ca.1732-1776. Dispersão de cerâmica.

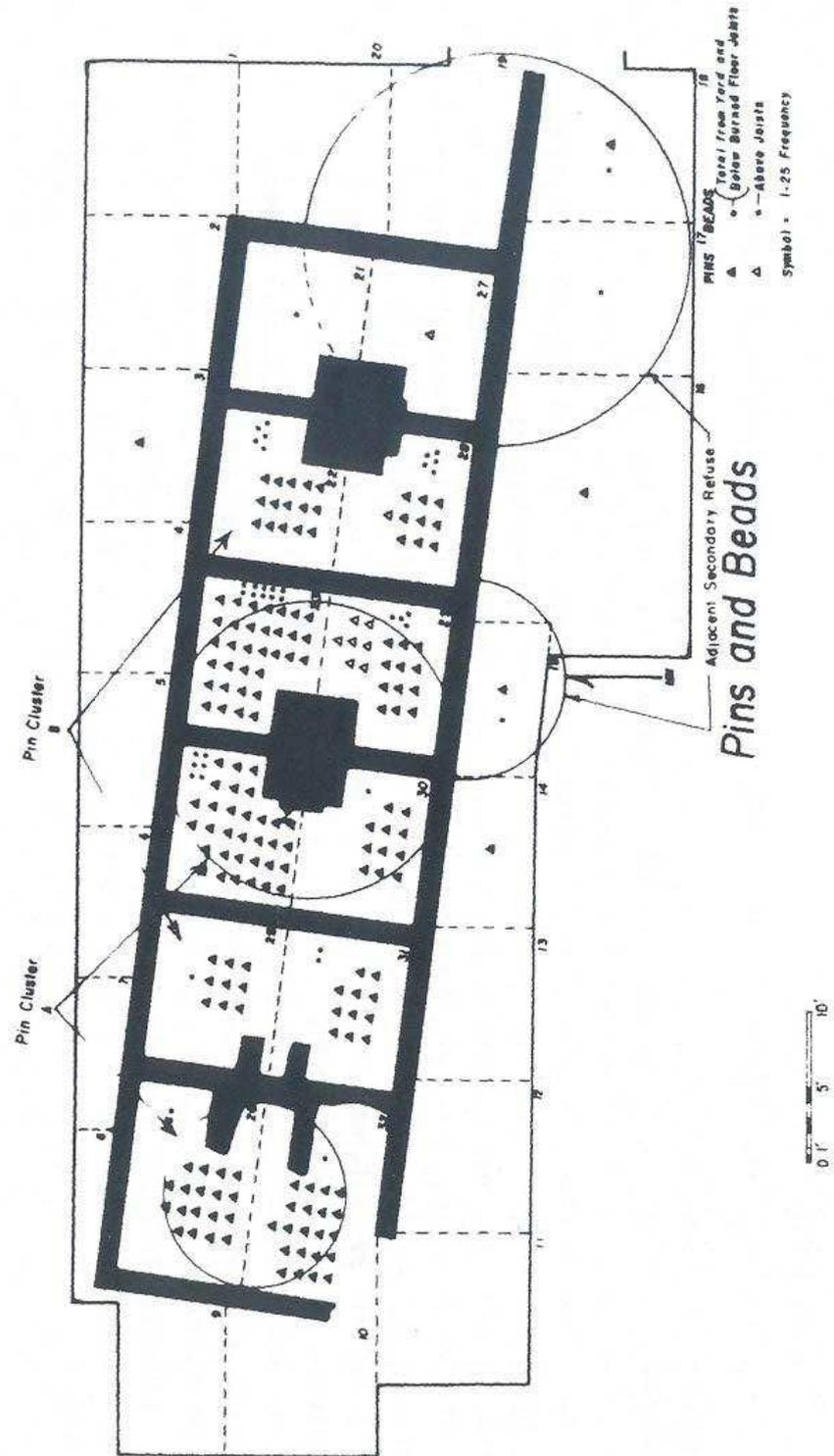


Fig. 2: Planta da Public House-Tailor Shop (S25) no Povo do Brunswick, Carolina do Norte. Ca. 1732-1776. Dispersão de alfinetes e contas de vidro.

A maioria dos artefatos secundários descartados irá revelar este mesmo Padrão Brunswick, enquanto nos de descarte primário seu padrão de dispersão pode variar. A importância de freqüente variação na distribuição de diferentes classes de artefatos pode ser observada quando alfinetes e contas de vidro são examinados nesta estrutura (Fig. 2). A alta concentração destes no interior do local como “objetos perdidos,” em contraste com os poucos que aparecem em setores de descarte secundário na parte de atrás da estrutura, reflete o fato de que estes artefatos não foram descartados, mas perdidos acidentalmente dentro de cinco ou seis quartos, tendo caído através de fendas nos pisos. A ausência virtual destes artefatos no sexto quarto revela que este tinha uma função diferente, provavelmente era um escritório destinado às operações de comercialização. Estes alfinetes e contas de vidro, mais outros objetos de costura dentro dos cômodos, sugerem que este local funcionava como uma loja de costura ou alfaiataria. Isto, somado à documentação escrita de que o proprietário deste lote operou uma taberna, e o plano arquitetônico da estrutura, que mostra uma distribuição de pequenos cômodos enfileirados, permitiu interpretar a construção como taberna-alfaiataria.

O Padrão Brunswick é principalmente aplicável, — ele é pensado (na ausência de dados comparativos para outros sistemas culturais) —, para sítios britânico-americanos, ou de origem colonial britânica. Existe alguma evidência para sugerir que assentamentos germano-americanos irão revelar uma grande diferença dos padrões de descarte do Padrão Brunswick, principalmente devido às diferenças culturais envolvidas (South 1972b).

#### PADRÃO CAROLINA DE ARTEFATOS

O Padrão Carolina de Artefatos foi gerado a partir da freqüência de variação de artefatos em cinco sítios de origem colonial britânica, localizados nos Estados da Carolina do Norte e Carolina do Sul. Este padrão tem sido testado em sítios fora da área da Carolina, tendo sido observado um padrão similar (South 1977a, 1977b).

A regularidade dos padrões de artefatos observados no Padrão Carolina, refletem o grau de uniformidade nos comportamentos dentro dos sítios estudados. Estas regularidades podem ser vistas como generalizações empíricas da “lei da regularidade das conseqüências secundárias do comportamento” — *A Law of Behavioral By-product Regularity* —, que constitui a suposição básica a partir da qual foi delineado o Padrão Carolina: o subproduto de uma atividade específica tem uma relação direta com a freqüência dos subprodutos de todas outras atividades em proporção direta à integração das várias atividades. Em outras palavras, as cerâmicas quebradas e descartadas de cozinhas domésticas, tem uma relação direta com todas as outras classes de artefatos em proporção direta à integração dentro da atividade da cozinha.

A pergunta continua sendo: quais tipos de sítios irão cair na abrangência prevista pelo Padrão Carolina? O padrão foi derivado tanto de sítios domésticos como militares, e eles têm em comum o fato de serem prioridades do sistema cultural colonial. Podemos considerar estes sítios como coloniais britânicos, mesmo que dois deles contivessem materiais datados de 1830. A aplicação do padrão para efetuar datações fora da Carolina sugere que os fenômenos que estamos tratando certamente não estão limitados à área da Carolina da qual o padrão foi derivado, assim como seu aproveitamento se estende ao menos até por volta de 1860 (South 1977a, 1977b).

Os padrões estabelecidos para os sítios históricos podem ser comparados com as informações oferecidas pelos documentos escritos. Então, o arqueólogo, trabalhando com dados provenientes de documentos escritos e arqueológicos, tem a vantagem de contar com variáveis que permitem controlar as informações obtidas. Assim, um grupo de restos de moradias domésticas de diferentes áreas culturais conhecidas pode ser selecionado para tentar isolar padrões específicos de cada grupo para sua posterior comparação, por exemplo, às comunidades britânico-americanas, comunidades germano-americanas, comunidades franco-americanas, e comunidades hispano-americanas. Sítios de fortes de fronteira, sítios de produção de bens, sítios de classes altas e baixas, etc., podem também ser usados para determinar variações de padrões dentro destas ocupações.

Ao delinear o Padrão Carolina, a preocupação principal tem sido examinar a relação entre grupos de artefatos com o objetivo de estabelecer regularidades amplas a partir das quais contrastar sua repetição. Os desvios desta regularidade podem ser interpretados como reflexos de comportamentos diferentes aos esperados.

A presunção básica aqui é que existiu um abandono ou descarte dos restos produzidos por determinados comportamentos ao redor de um sítio ocupacional, que pode ser entendido como uma contribuição *per capita* e por ano ao registro arqueológico. Assim, desde que um trabalhador de classe média em Charleston possa contribuir com seu registro de aquisição-uso-quebra-descarte, *per capita* por ano, numa proporção similar a seu contraparte em Savannah ou Philadelphia, algumas uniformidades no registro podem ser esperadas.

Regularidades padronizadas no registro arqueológico realmente existem, e medidas devem ser tomadas para as definir antes de avançar em direção à elevação da arqueologia histórica do estudo do particular ao estudo de regularidades e leis culturais. Os postulados envolvidos no delineamento do padrão Carolina podem ser sintetizados como segue:

1. Comportamentos coloniais britânicos deveriam revelar regularidades na forma de padrões nos registros arqueológicos de sítios coloniais britânicos.
2. Atividades que impliquem comportamentos especiais devem revelar padrões específicos em tais sítios.

3. Estes padrões serão reconhecidos através da quantificação de fragmentos de subprodutos resultados de tal comportamento presentes no registro arqueológico.

Os sítios usados no Padrão Carolina são o *Public House-Tailor Shop* em Brunswick, Carolina do Norte, ocupado aproximadamente de 1732 a 1776; os restos do *Nath Moore's Front* (S10), em Brunswick, ocupado por volta de 1728 a 1776; a ocupação americana do Forte Moultrie, Carolina do Sul, de 1775 a aproximadamente 1794; a ocupação britânica do Forte Moultrie de 1780 a 1782; e o porão Cambridge de depósito de lixo em *Ninety Six*, Carolina do Sul, representando uma ocupação por volta de 1783 a 1800. Todos esses sítios foram escavados sob a direção do autor através do Departamento de Arquivos e História da Carolina do Norte e do Instituto de Arqueologia e Antropologia, Universidade da Carolina do Sul.

Os artefatos desses sítios foram classificadas por tipo, classe e grupo, sendo oito grupos usados para delinear o Padrão Carolina. A taxa de percentagem e a média para os cinco sítios foram determinados, e são os que definem o Padrão Carolina (Tabela 1).

<b>Grupo de artefato</b>	<b>Média</b>	<b>Índice /Taxa de%</b>
Cozinha	63,1	51,8 – 69,2
Arquitetura	25,5	19,7 – 31,4
Mobiliário	0,2	0,1 – 0,6
Armas	0,5	0,1 – 1,2
Vestuário	3,0	0,6 – 5,4
Objetos pessoais	0,2	0,1 – 0,5
Cachimbo de fumo	5,8	1,8 – 13,9
Atividades	1,7	0,9 – 2,7
Total	100	

*Tabela 1 – Padrão Carolina de Artefato*

Outros sítios coloniais britânicos dentro e fora da área de Carolina foram encontrados evidenciando o Padrão Carolina. É óbvio que, para confrontar novos dados com o Padrão Carolina, o arqueólogo deve recuperar e quantificar todos artefatos de uma coleção para ter uma base de dados comparáveis.

Uma explicação do por quê o Padrão Carolina existe nos sítios coloniais britânicos pode ser derivada das hipóteses centradas no processo cultural do sistema colonial britânico. Essas hipóteses focariam questões como a logística do sistema distributivo britânico, o sistema de produção, enfraquecimento e fortalecimento da manufatura colonial e auto-suficiência gerada pela estrutura de poder britânica, expansionismo britânico e políticas de construção do império, rituais de fortaleci-

mento de status, e mecanismos de regulamentação de cargos. É esperável que a padronização arqueológica resultante de tais processos tenha variações entre ocupações britânico-americanas, germano-americanas, franco-americana, e hispano-americana, refletindo variabilidade nesses sistemas culturais. A padronização pode também variar com a função do sítio no sistema social.

#### PADRÃO DE FRONTEIRA

O mesmo procedimento usado para delinear o Padrão Carolina foi empregado para definir o Padrão de Fronteira, aplicado em sítios coloniais britânicos de fronteira do século XVIII. Este padrão contrasta com o Padrão Carolina já que são maiores as freqüências de artefatos do grupo arquitetura em relação ao grupo cozinha (South 1977a). O Padrão de Fronteira foi gerado, a partir de dados de *Spalding's Lower Store*, na Flórida, que era um posto de comércio britânico; o Forte *Ligonier*, na Pensilvânia, que era um forte britânico de luta contra os índios; e o Forte *Prince George*, na Carolina do Sul, que funcionava contra franceses e Cherokees e também como local de intercâmbio comercial (South 1977a). Todos os três sítios datam do período da guerra contra franceses e indígenas.

O Padrão de Fronteira é inferido a partir das freqüências e distribuição de grupos de artefatos destes três sítios (Tabela 2).

Grupo de artefato	Média	Índice /Taxa de%
Cozinha	27,6	22,7 – 34,5
Arquitetura	52,0	43,0 – 57,5
Mobiliário	0,2	0,1 – 0,6
Armas	5,4	1,4 – 8,4
Vestuário	1,7	0,3 – 3,8
Objetos pessoais	0,2	0,1 – 0,4
Cachimbo de fumo	9,1	1,9 – 14,0
Atividades	3,7	0,7 – 6,4
Total	100	

Tabela 2 Padrão Artefato de Fronteira

O maior contraste aparente entre o Padrão Carolina e o Padrão de Fronteira é a relação inversa entre os grupos de Arquitetura e Cozinha. Quando questionamos a causa dessas diferenças, podemos pensar num aumento dos sub- produtos associados com arquitetura em contextos de fronteira. Isso pode ser resultado de ocupações por períodos breves das unidades arquitetônicas, em situações de fronteira, com outras mais prolongadas em outro tipo de assentamentos. Isto faz crescer as freqüên-

cias do grupo Arquitetura em relação a artefatos de depósitos secundários de lixo do grupo Cozinha. Também pode ser o resultado de erros na coleta da mostra, já que, nos fortes, são muito poucos os descartes secundários nos fossos (onde o material descartado é freqüentemente jogado), enquanto que mais objetos do grupo arquitetura são recuperados de dentro do forte, onde se concentra o foco primário da escavação. O Padrão Fronteira pode talvez ser melhor denominado como “Padrão de Artefatos Arquitetônicos”, para refletir a sua distinção com o Padrão Carolina, pela sua elevada proporção de elementos arquiteturais; similar, é frequentemente encontrada *dentro* das áreas da estrutura dos restos arqueológicos, quando comparada com o Padrão Carolina, estes aparecem ao redor da mesma.

O delineamento de padrões para a comparação de dados arqueológicos de sítios históricos, voltados a entender mais sobre o registro arqueológico e os processos que os produziram, são um passo necessário que deve ser tomado para contribuir na explicação dos processos culturais. A função da documentação histórica em controlar algumas variáveis dos padrões arqueológicos é a principal função que cumpre o registro histórico no futuro da arqueologia histórica. Ao controlar a variabilidade relativa à origem nacional, sistemas distributivos, status e função, empregando documentos escritos para gerar as bases para classificar sítios históricos, e estabelecendo os padrões de tais sítios através da arqueologia, eventualmente iremos desenvolver a habilidade para interpretar processos em sítios históricos a partir unicamente dos padrões, sem depender mais do controle histórico. Quando alcançarmos este nível de sofisticação arqueológica, nós poderemos aplicar esse conhecimento em sítios para os quais não contamos com informação histórica: por exemplo, os sítios pré-históricos. Esse potencial para contribuir no aperfeiçoamento da metodologia de trabalho e construção de teoria em arqueologia, é uma promessa excitante que a arqueologia histórica guarda para o futuro.

## BIBLIOGRAFIA

- NOEL HUME, I. 1970. A guide to artifact of colonial America. Knopf, New York.
- SOUTH, S. 1971 a. Evolution and horizon as revealed in ceramic analysis in historical archaeology. The Conference on historic Site Archaeology papers 1971: 6:71-116. Institute of Archaeology and Anthropology, University of South Carolina, Columbia.
- \_\_\_\_\_. 1972 b. Discovery in Wachovia. Manuscript on file with the Institute of Archaeology and Anthropology, University of South Carolina, Columbia.
- \_\_\_\_\_. 1977 a. Method and theory in historical archaeology. Academic Press, New York.
- \_\_\_\_\_. (Editor) 1977 b. Research strategies in historical archaeology. Academic Press, New York.
- WILLEY, G. e PHILLIPS, P. 1958. Method and theory in American archaeology. University of Chicago Press, Chicago.